

# *Pancada*

*Marana Borges*

Uma pancada.

Podia jurar que ouvi. Vinda de lá, de cima, da rua, de não sei onde,

— Deve ser a primeira bala da chuva.

Ela diz que a chuva é um exército.

— Mas se vivemos no térreo.

Eu respondo.

— A tempestade não pode metralhar o teto de um andar térreo. Pode?

Eu adiciono uma pergunta à resposta.

Uma pancada.

Podia jurar que ouvi uma pancada. Vinda de lá, de cima, da rua, de não sei onde,

Não pode. Pode?

Pergunto, eu.

Não pode. A tempestade não pode metralhar o térreo, o teto de um rés-de-chão.

Eu mesmo respondo.

Deve ser alguém. À porta.

Eu digo.

— Não é nada.

Ela diz.

— Se fosse alguém, tocaria de novo.

Ela diz.

Quando era alguém, costumava tocar de novo. Várias vezes.

Quando costumava ser alguém, costumávamos ouvir o toque tocando de novo. Toque seco em madeira, toque revestido de couro.

Costumava-se tocar de novo. Várias vezes, até cansar, até mutilar os nós da mão, sujar a luva de hematomas.

Até não abrimos a porta.

— Deve ser a primeira bala da chuva.

Ela crê que a chuva é um exército.

Se for alguém, estará enferrujado, porque: a rajada de vento do inverno irlandês é mais forte — é mais selvagem — que todas as lâminas. Eu respondo. Melhor atender.

— Mas não moramos na Irlanda.

Onde moramos?

Minhas mãos. Avançam. Com os braços firmes nos braços firmes do sofá, basta-me fazer um esforço vão. E levantar. Ingressarei na fatia de piso que levará à entrada. Atender a porta é uma atividade tamanhamente absurda. Primeiro, porque requer uma exatidão difícil: que haja eu dentro, alguém fora. Uma tarefa dupla e imediata. Se eu chegar à porta e não houver mais ninguém, terei falhado. Em segundo lugar, requer figuras tão concretas quanto: uma porta, uma pessoa que atende, alguém do outro lado. Requer a força dos braços para se levantar e acudir. Não há espaço para falhas. Mas as minhas

são mãos fracas. As veias as completam, inchadas, os ossos aos saltos. Terei falhado.

Mais outra pancada.

— Deixa estar.

Ela diz. Ela sempre quer as coisas como estão: a água parada nos pratos das plantas: as plantas paradas nos vasos de plástico: a poeira que um vento imóvel eleva à altura dos olhos.

Sendo alguém, tocaria de novo.

Sendo alguém e não tocando de novo, será porque. O frio e a lâmina do vento.

Eu sugiro:

— Se for alguém, estará com frio.

Faço previsões:

— Pode precisar de algo.

Ela discorda:

— Assim não dá.

Ela dá recomendações:

— Os protocolos. Sobretudo os protocolos.

Eu insisto:

— Um saco de arroz.

Específico:

— Jogamos pela janela.

Ela discorda:

— Assim não dá. Você não para de falar.

Não, não dá. Assim não dá. Não dá para. Ver a televisão. Sentar-se a gosto. Engordurar o sofá com o corpo e o peso das bundas e dos braços duros.



Pancada.

Basta eu gritar: — Quem é?

Mas seria preciso a voz forte que não tenho. Voz de caminhão de lixo arrastando sacos pelo caminho, voz do vidro que cai do saco de lixo e rola atrás das rodas do caminhão, voz das rodas do caminhão atropelando um menino na rua que mexia no lixo de madrugada e não viu que.

Eu tento:

— Quem é?

Se for alguém, a muito custo: ouvirá: não ouvirá: ouvirá. Ouvir é uma tarefa custosa. Requer: alguém que escute. Alguém, rigorosamente.

— Fica quieto. Assim não escuto a televisão.

Ela diz. Ela que assiste à televisão de onde figuras herméticas de tronco e pernas escorregam das cadeiras, apalpam-se as bundas, vaginas e escrotos. São os répteis, são os parlamentares.

Ela tem pressa. Ela antecipa-se à chuva que decepará a ligação elétrica. Quer terminar o programa.

Outra pancada. Audível como uma torneira aberta em uma casa tamanhamente silenciada onde somente sobreviveram vazamentos e torneiras. Só que mais forte, forte como os braços deste sofá onde me afundo.

Em casa, há também alguma torneira aberta. Assim que me levantar do sofá fecharei todas elas, as torneiras que, por aberração e defeito próprio das coisas que enferrujam, abrem-se, tortas. Mas nem o fluxo das torneiras, nada, iguala-se a essa

pancada. Por isso, e apenas: comparo-as. A água e a pancada. Tortas. A água torta e suja que sai e essa pancada. Audíveis, ambas. O jorro da água que, em estado de diarreia, acomete a pia; a pancada que, por trás, deixa calejada a mão e a luva. Audíveis, ambas, apenas por oposição. De onde virá tanto silêncio? O vácuo que se deixa invadir pelo ruído lá fora, lá em cima, da rua, de onde. Tanto silêncio e ainda assim minha mulher assiste à televisão sentada sobre seus quadris de velha.

Mais e mais pancadas.

Ela crê que a chuva é um exército. Eu creio que o exército desertou. Há tempos não se ouve ninguém. Na época em que: pessoas a tocar à porta, alguém deste lado a atender. Na época da precisão cartográfica: de um lado, de outro. Naquela época, costumava-se tocar a porta várias vezes. Até que eu me levantava e ia atender. Minha mulher seguia queixando-se na sala, em frente à televisão. Que não era preciso: atender a porta. Que eu fazia: ruído. Mais ruído que a porta. Em geral, eram os soldados. Pediam coisas: um pedaço de pão, um pedaço do nosso dinheiro. Dava-lhes pão; guardava nosso dinheiro para mim e minha mulher. Rigorosamente. Eles vinham com suas roupas esgarçadas de lutar contra caminhões de lixo nas ruas, os pés esfolados pelas ratazanas da cidade. As unhas despençavam para os lados, como os cabelos. Podia-se chamá-los, a eles todos: pedaços de merda. Estavam sempre cheirando a merda. Mendigos, pedintes, esmoleiros.

Devem haver desertado, todos. Temo apenas o último general. Que venha, que um dia toque à porta de casa, que com os restos. Os seus restos: um nariz que balança junto ao queixo.



Eu temo que ele com os restos de seu nariz queira recrutar novos soldados. Eu diria: não posso: veja: meu pé chato.

Bastaria, seria mais fácil: não atender a porta.

Não atendo.

Deixo-me estar.

Tantos cômodos para nada, para ficar assim, à beira de uma sala, confiscado em um sofá, ao lado de uma porta que não tem lado de fora, só tem lado de dentro. Estou. Meu sofá é um êxodo que não deu certo. Tivesse eu atinado a tempo, teria: gritado, corrido, fugido. Teria sido capaz de abandoná-los, ao sofá e à minha mulher.

O general há de vir com sua voz de caminhão de lixo arrastando sacos pelo caminho, voz de corpos amarrados em sacos com seus pulmões, tumores, gargantas secas, tendões, são tantos os corpos que não cabem em abraço de mãe, só mesmo em caminhões, não cabem, não cabem. O general decerto insistirá. É preciso novos soldados. Mas eu lhe direi: não posso: sou velho.

Ele não deferirá meu pedido. Porque é preciso gente, gente para carregar os mortos.

Mais e mais pancadas. A casa está sendo metralhada.

— Tempestade.

Diz minha mulher.

O exército alucina desde lá, de cima, da rua, de não sei onde,

Pode ser alguém que necessite. Que se lhe abra a porta. Que alguma porta se lhe esteja à mão, disponível. Uma maçaneta, que seja.

— Minha porta não é uma puta.

Eu não digo. Apenas reflito.

Para deixar-se bater a qualquer hora.

Deixar-se foder.

Ninguém foderá com minha porta. Ninguém me foderá. Ninguém foderá à minha porta.

Abro-a se quiser.

Se fosse alguém, poderia atirar-se sobre mim, eu penso.

Confiscar meu sofá, eu penso.

Poderia me deixar combalido e todo surrado, eu adiciono.

Melhor não abrir, eu decido, por fim.

Afinal, se fosse alguém, já teria desistido, eu penso.

Não pode ser alguém.

— Se fosse alguém, já teria morrido.

Ela diz. Minha mulher.

Morrido. Eu concordo. O inverno aqui é mais duro e faminto que o pau ereto do réptil que agora avança sobre a mulher na televisão e lhe arranca os cabelos. Ao que parece, a mulher recusou-se a votar alguma emenda. São os parlamentares.

Minha mulher reclama. Não é somente eu que a atrapalho; também as pancadas. As pancadas haverão de carcomer a porta, o teto, por todos os lados cerceiam nossa liberdade de ir e vir, de não ir e ficar. A luz acabará: porque a tempestade, se for tempestade, ou o exército, se for como uma tempestade, se encarregará de cortar a luz.



Constrange-me, contudo, pensar que pode ser alguém, e lá fora. Onde: o frio, o inverno, a fome aberta. Alguém que pode precisar de ajuda.

Basta girar: a maçaneta da porta.

Mas a nossa: uma porta sem maçaneta.

Basta espreitar: o postigo da porta.

Mas a nossa: uma porta sem postigo.

Basta afastar: cortinas, remelas, catarro, saliva.

Depois de tudo isso, e um aceno.

Mas: os protocolos, sobretudo os protocolos.

Minha mulher reclama. Não é somente eu quem a atrapalha; também as pancadas.

— Cala a boca

Mas as malditas não calam.

Eu não calo. Eu prossigo porque fálico, porque ultrajado.

Comigo, as pancadas.

— Cala a boca

A mulher na televisão também não se cala, é um horror seu modo de não se calar, de seguir gritando. Lá vem eles, os demais parlamentares e os seguranças, vêm aos montes, vão cercar essa mulher. Deviam, isso sim, deviam ter-lhe arrancado os cabelos e a boca.

— Cala a boca

São as pancadas, são as balas que alguém metralha à porta.

É essa emboscada.

— Cala a boca

Cale-se cale-se

Calem-se, todas

Calem as bocas

Suas loucas, suas putas

As pancadas são surdas as pancadas disparam suas armas sobem à altura do prédio e lá de cima despencam: são balas de zinco as pancadas que chegam aqui trincam os dentes trepam nas roupas são como musgos nos meus braços, os nossos, enfiados nos braços ociosos do sofá as pancadas gordura dos corpos mal lavados e um soco no pâncreas as pancadas as pancadas pão oco de cada dia livrai-nos das balas da chuva, pancadas não ouvem são surdas, a televisão escureceu, decapitaram a energia elétrica ninguém mais nos alerta para o fim da orgia parlamentar, de tudo isso restará somente a voz dos caminhões, pancadas untam perguntas à porta são brutas mas com o tempo com os socos a esmo o tronco obeso de minha mulher que sova a televisão eu a ajudo e imploro aos interruptores que debocham do escuro eu com o costume obsoleto de prestar atenção ao silêncio, parece que cansaço, as mãos devem ser velhas como as minhas, as dela, porque os socos recuam e recua a patrulha as pancadas que antes duras antes agora apenas duas, agora suor.

As pancadas vão esmorecendo.

São mudas.

Testo a luz do interruptor três vezes e vejo-me em pé. A lâmpada pende rezas do teto. Corro com os restos de meu nariz restos de velho eu projeto as pernas à frente.

Abro a porta. Lá está, estirado no meio, alguém que desistiu de bater. Lá sobraram apenas os projéteis da chuva.